

BREVES NOTAS sobre 3 livros brasileiros

A-pesar-de ultimamente se ter falado muito em Portugal da literatura brasileira contemporânea quere-me parecer que, afora a obra de três ou quatro escritores, a grande maioria das pessoas que leem no nosso país desconhece tudo o mais que de bom neste campo se produz no Brasil. E' certo Jorge Amado, Lins do Rêgo, Amando Fontes, em parte Erico Verissimo e Graciliano Ramos—e são estes os poucos a que acima aludimos—possuem presentemente em Portugal um razoável lote de leitores. Mas a literatura do Brasil dos nossos dias, pujante, dinâmica, variada de facetas e rica de conteúdo humano (o adjectivo está por demais banalizado mas não há maneira de se lhe poder fugir)—não se circunscreve só a estes autores. A' espalada dêles outros existem igualmente merecedores de serem lidos e admirados. Neste caso estão Galeão Coutinho, Origenes Lessa e Gastão Cruls. Pouco conhecidos, creio, em Portugal, eles são, não obstante, três belos ficcionistas. Os seus últimos livros publicados—*Vôvô Morungaba*, *O Feijão e o Sonho* e *História Puxa História*—o comprovam.

Vôvô Morungaba é o drama vulgar de um homem—de quantos milhões de homens é ele espelho!—apertado nos laços terríveis dum sistema económico injusto e cruel. Elpidio Barra-Mansa é empregado público. Casado, pesa-lhe às costas a responsabilidade tremenda de oito filhos a sustentar. Seu ordenado já de si bem magro fica ainda mais magro com os descontos para pensões, caixas de previdência e amortizações de juros miríficos de letras aceites a agiotas. Para fugir ao atoleiro em que se sente afundar, um único recurso: «morder» os amigos e conhecidos; nesses intervallos, outra tábua de salvação: as rifas. Embora fatalista, por consequência resignado, elle luta, debate-se e faz prodígios para assentar pé na vida. Esforços inúteis, porém.

O arcaboço do livro não passa d'isto. Parecerá pouco. Acontece entretanto que precisamente em tal facto, quero dizer, na possibilidade dum novelista arrancar dum assunto na aparência pobre, ou pobre na realidade, material cabonde para urdir o seu trabalho sem artificios nem ocas retóricas e encher duzentas ou trezentas páginas—reside o seu maior valor.

Galeão Coutinho possui este dom no mais alto grau. O seu conhecimento da vida enriquecido por uma observação subtilíssima, o poder da sua

sensibilidade aliada a uma imaginação que embora grande jamais roça pela fantasia consegue esta coisa muito rara: sacar de existências que dir-se-ia nada terem que nos interesse, um mundo inteiro de factos, de sonhos, de decepções, de tristezas e angústias. Essas existências sofrem, perseguem a sorte que lhes fuge, enrodilham-se numa semi-inconsciência que os punge para logo se iludirem numa ilusão que criam e renovam mas de que, no fundo, nada esperam. Amam também. Mas sobretudo sofrem. Um sofrimento recalcado, sem gritos. Demasiado passivo, talvez.

Elpidio Barra-Mansa e Mata-sete, são mais que dois ignorados habitantes de S. Paulo. São milhões e milhões de habitantes de mil cidades espalhadas por toda a terra roçando constantemente por outros milhões de homens que por mais felizes os não notam—ou, se os notam, os esquecem.

Vôvô Morungaba veiu pois, quanto a mim, enriquecer a literatura brasileira. Pena é que do meio do livro em diante G. C. arraste um tanto a acção. Um pouco mais e caíria na monotonia. Salvou-o d'êste perigo o humorismo com que tratou o assunto. E já que falei em humorismo, uma pergunta para finalizar:—Seria a principal intenção de G. C. provocar o riso dos seus leitores? Não o creio. *Vôvô Morungaba* surge-me antes como uma atitude de protesto, um brado de insatisfação e revolta.

O livro de Origenes Lessa—*O Feijão e o Sonho*—perde possivelmente pôsto em confronto com o de Galeão Coutinho no sentido universalista que o segundo soube imprimir ao seu trabalho. Por certo que o tema de *O Feijão e o Sonho* não é um tema de carácter exclusivamente brasileiro. Pelo contrário. Campos Lara existem em Portugal—e existem indubitavelmente em todos os países. Sómente o seu número deve ser bem mais reduzido que o dos Barra-Mansa e Mata-sete.

Campos Lara é estruturalmente uma organização de poeta. Vive para a sua arte e para a arte em geral num como que êxtase íntimo e contínuo. Totalmente absorvido por preocupações de ordem estética, esquece todas as preocupações de ordem material. Daí a tragédia da sua vida. Pobre, os negócios lómesticos correm-lhe mal. Os credores batem-lhe à porta, já foi despedido duma casa por falta de pagamento da renda. Maria Rosa, a esposa, que

trata dos filhos, da casa e do feijão que ferve na panela, olha o mundo por outro prisma. Que importa que elle seja um criador de beleza, uma inteligência superior, se essa inteligência e essa beleza lhe não trazem a abundância ao lar, e elle é um incapaz para tudo que não seja a abstracção das idelas? Lara vê isso. Seu espirito angustiado nitidamente compreende quanto há de crueldade em alimentar uma paixão que é o sacrificio da mulher e dos filhos. Aquilo todavia está-lhe no sangue, é mais forte que a sua vontade, os seus raciocínios, o seu amor a Rosinha, aos filhos, a tudo.

Sem descer a minucias de pormenor, Origenes Lessa tratou o tema do seu livro com um certo avontade e segurança. Campos Lara e Maria Rosa ressaltam vivos de verdade das páginas do romance. Não são dois desenhos empastados de tintas ou imprecisos de contornos. Tão pouco são dois temperamentos complexos, fugidios e absurdos que muitos escritores, para nos mostrarem quanto são profundos em psicologia, que nunca estudaram, se dão ao trabalho de aprofundar nos seus gabinetes de trabalho, muito sós, muito esquecidos da Vida e dos homens—que afinal desconhecem.

O estilo de O. Lessa, a-pesar-de sóbrio, ou talvez por isso mesmo, é quasi sempre plástico, dum ritmo muito agradável. Não me admirarei se em breve for apontado como um dos grandes romancistas do Brasil.

História Puxa História, de Gastão Cruls, é uma colectânea de contos. Doze contos que se lêem com agrado, com interesse, mesmo, mas que, não obstante, nem sempre convencem. Dir-se-ia que em certos trechos falta um não sei quê de imprescindível e que noutros, pelo contrário, algo existe a mais—algo que nos desgosta e por vezes nos impacienta. E entretanto Gastão Cruls possui o temperamento dum contista. Tem imaginação, um estilo maleável (embora uma vez por outra demasiado sêco e um tanto frio para êste género literário), poder de síntese.

Acontece porém que na maioria dos casos o contista não domina os seus assuntos, antes elles o dominam, e então, possivelmente sem dar por isso, corre atrás da imaginação que lhe abalou em correria doida, ofegante. Nesses instantes nada o detem. E a imaginação, vendo-se em plena liberdade, sem o míni-

mo controle, transforma-se, pelo próprio prazer de transformação, em fantasia pura. Por forma que num salto brusco, poderia dizer vertiginoso, passamos do plano do real para o do irreal como se estivessemos num sonho. E' precisamente nessa altura que o sentimento de pezar, quando não de impaciência, nos invade. Daí em diante—friso de novo que isto não acontece em todos os contos—tudo nos sôa a falso, a artificial: e o entusiasmo começa a arrefecer, a atenção começa a diluir-se, ainda que, em verdade, se não apague completamente. A-pesar-de tudo o apontado, a-pesar ainda de em certos contos os acontecimentos se precipitarem duma forma demasiado brusca, reafirmo que Gastão Cruls possui esplendidas qualidades para tratar esta feição literária, tão difícil.

Afonso Ribeiro

PANORAMA LITERÁRIO

A livraria «Portugália», de Coimbra, vai editar e pôr brevemente à venda o romance *As Sete Partidas do Mundo*, do nosso camarada Fernando Namora.

Continuam a dar toda a boa vontade ao movimento de aproximação entre Portugal e Brasil a «Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro» e o Dr. Nuno Simões. Ao mesmo tempo que se têm encarregado da tarefa de tornar conhecidos no Brasil revistas e livros portugueses (agradecemos em especial o que fizeram por «Sol Nascente» e «Ilusão na Morte») têm feito o mesmo em Portugal. Continuaremos no próximo número a referir-nos aos livros brasileiros que nos foram enviados.

Recebemos os seguintes livros:

Açucenas Bravas, versos de A. Vicente Campinas, edição da Livraria Horácio Salvador-Faro; *Mousinho*, pelo general Ferreira Martins, editorial «Cosmos»—Lisboa; *A Banana, alimento medicamento*, estudo do Dr. Vicente Henriques de Gouveia—Funchal; *Um Republicano na Cidade dos Papas, crónica de uma Época Vivida em Roma*, por Emygdio Garcia—1937; *Timor, País de Sol e Volúpia*, de Paulo Braga, da Coleção de Cadernos Coloniais—editorial «Cosmos»; *Jo-se Lins do Rêgo e o Romance Brasileiro*, por Lia Correa Dutra—Cadernos da «Seara Nova».